Tradução

Por um materialismo espectral[3]

Carolina Meloni González[1]
Bárbara Pinheiro Baptista[2]

Revista Galo v. 7 n. 14
https://doi.org/10.53919/g14s

Aquilo a que Simone de Beauvoir chamou "segundo sexo" e que Chiara Bottici amplia a todas aquelas que sofrem a opressão do primeiro sexo (encarnado em um homem cis e em uma masculinidade hegemônica), tem-se caracterizado por sofrer, ao longo da história, um processo complexo de espectralização[4]. Esse processo teve a sua primeira expressão na construção do feminino a partir da alteridade mais inapreensível (a mulher sempre como o Outro absoluto). Esse "enigma da feminilidade" — como o descrevia Freud — tem deixado os homens de todos os tempos perplexos[5].

Por si só irrepresentável, desconhecida e misteriosa, a mulher surge sempre como a própria imagem de uma verdade a desvendar. O início de *Além do Bem e do Mal*, onde Nietzsche não só a equipara diretamente à verdade, como parte do princípio de que é o filósofo quem deve encarregar-se da sua conquista sempre difícil[6]. Mesmo nos textos mais sublimes da tradição filosófica, nós, mulheres, estamos sempre expostas aos elogios de narcisistas incompetentes, convencidos dos seus poderes infalíveis de sedução. Nada como tirar o pó do repertório das suas citações célebres para ir à caça dessa verdade tão esquiva, que cairá rendida aos seus pés perante tal demonstração de sabedoria masculina.

Para além desta "outrização" e formulação de um feminino quase desconhecido, há outros elementos e facetas deste processo de espectralização que gostaria de analisar. À semelhança da estrutura subliminar que Segato nos apresentava, a ordem patriarcal, interligada a outros sistemas de opressão, funciona como uma complexa maquinaria de dominação que produz

[1]Professora do Departamento de História e Filosofia da Universidade de Alcalá.. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3600-5298. E-mail: carolina.meloni@uah.es.

[2]Doutoranda no Programa de História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2613-052X. ID Lattes: https://lattes.cnpq.br/3856831305806316. E-mail: barbarapinheirobaptistaufrrj@gmail.com.

[3]Este texto trata-se de uma tradução do capítulo "Hacía um materialismo espectral" da obra *La instancia subversiva. Decir lo feminino ¿es posible?* da filósofa Carolina Meloni González. A obra consiste em uma reflexão a respeito do lugar do feminino na filosofia e na história do pensamento, o qual a autora entende enquanto uma instância subversiva espectral. No referido capítulo, a filósofa explicita a sua concepção de materialismo espectral, abordando a espectralização das subjetividades subalternizadas e o apagamento teórico e epistemológico de grupos sociais marginalizados.

[4]O título desse texto faz referência à citação de W. Jensen inserida por Derrida no início do penúltimo capítulo de *Mal de arquivo. Uma impressão freudiana*. Literalmente, diz-se ali: "(…_já há muito tempo que me habituei a estar morto". DERRIDA, J. *Mal de arquivo*. Madrid: Editorial Trotta, 1997, p. 89.

[5]FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993, p. 105.

[6]Sobre essa leitura, cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Jenseits von Gut und Böse*: Vorspiel einer Philosophie der Zukunft. Leipzig: Druck und Verlag von C. G. Naumann, 1886.

sombras, marginaliza determinadas vidas e realidades, as quais são percebidas a partir de uma trama quase fantasmagórica. A espectralização gera um déficit ontológico, bem como uma carência de compreensão. Isto significa que há vidas inteligíveis, visíveis, reconhecíveis, enquanto outras são mergulhadas na mais absoluta escuridão.

Esse mecanismo ótico-discursivo e político é o que Butler (2002) denomina "matriz de inteligibilidade" ou quadros de reconhecimento. Da mesma forma, tem sido também utilizado por autores anticoloniais como Fanon ou Mbembe para descrever essa região de sombras e de falta de humanidade na qual caem, como um abismo da percepção, os corpos racializados. A forma de reafirmar o poder sobre o outro, diz-nos Mbembe, é criando uma realidade especular. À semelhança de um speculum, o outro torna-se uma imagem, carregada de afetos e pulsões, transforma-se numa estrutura imaginária, numa mera figura[7]:

> A função do racismo consiste em relegar esse rosto para segundo plano ou em encobri-lo com um véu. Ao invés desse rosto, faz-se surgir das profundezas da imaginação um fantasma de rosto, um simulacro de rosto, ou mesmo uma silhueta, para que ocupem o lugar de um corpo e de um rosto de homem (MBEMBE, 2016, p. 75).

Que vidas são estas que sofrem estes mecanismos de virtualização, de desontologização, de espoliação do ser? Que tipos de vida, no sentido de vida política, ficam suspensas *ad infinitum* entre a vida e a morte dentro de uma ordem patriarcal, racista e colonial que decide a importância de alguns corpos e desejos face a outros? Quem são estas "mortas vagabundas", errantes, que assediam e retornam aos relatos, narrativas e silêncios das nossas tradições filosófico-políticas? Tal como Gradiva[8], carecem de história, falam a partir da voz do outro e foram expropriadas até dos seus próprios mitos. Emergem das profundezas envoltas em sombras, carregadas de pulsões negativas de um inconsciente que não é o seu, veladas como uma fotografia de má qualidade cujas cores se desvanecem com o tempo.

Tal como Achille Mbembe define o devir negro dos corpos racializados, a dimensão fantasmagórica dos sistemas de opressão gera "seres-cooptados-por-outros" (Mbembe, 2016, p.27). Mas, além disso, o processo de espectralização do feminino possui uma série de características que vão além da invisibilização e do apagamento teórico no âmbito dos quadros de reconhecimento. Trata-se, acima de tudo, de uma desontologização. Há vidas que fazem parte de uma "humanidade supérflua", vidas interceptadas e situadas numa minoria etária eterna. Irrepresentáveis, habitam sempre nos limites do esquema da representação. Como salienta Malabou (2009, p. 141), dado que o feminino não é um universal e também não participa

[7]Ressoa aqui a definição de Luce Irigaray de um feminino como um outro especular do homem: "uma espécie de alter ego invertido, ou de negativo, também fotográfico, e, por conseguinte, 'escuro'. Oposto, contrário, até mesmo contraditório, exigido pela reativação de um processo de especula(rização) do sujeito masculino", cf. IRIGARAY, Luce. *Speculum of the Other Woman*. Ithaca: Cornell University Press, 1974.

[8]Gradiva refere-se à mobilização da figura de Gradiva, do romance *Gradiva: uma fantasia Pompeiana*, do escritor Wilhelm Jensen, por Sigmund Freud no ensaio Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen, cf. FREUD, Sigmund. *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

no acesso ao "Um", não possui um sentido real de sujeito. Neste sentido, o feminino sofre também um processo de desmaterialização. Os corpos marcados pela feminização percorrem a história como fantasmas; a sua exploração está diretamente relacionada com o confinamento da mão-de-obra não assalariada no interior das casas e do espaço doméstico, tal como nos ensinaram as feministas marxistas. Todo um exército de sombras encarregado de pôr o mundo em funcionamento. É assim que o descrevem Silvia Federici e Nicole Cox:

> Isto significa que por trás de cada fábrica, de cada escola, escritório ou mina se esconde o trabalho de milhões de mulheres que dedicaram a sua vida, o seu trabalho, a produzir a força de trabalho que é empregada nessas fábricas, escolas, escritórios ou minas (Federici; Cox 2018, p. 30-31).

Poderíamos ver no feminino uma espécie de fantasmagoria enterrada, composta por uma multiplicidade de corpos diversos que foram relegados para as zonas periféricas do ser expulsos do espaço do político e do espaço do saber. Como assinala Malabou (2009), são duas as violências que nos atravessam: a doméstica/social e a teórica, que opera a partir do silenciamento e da desontologização. Daí deriva, necessariamente, uma espécie de des-subjetivação, dado que os processos de subjetivação, os mecanismos através dos quais emerge um tipo concreto de subjetividade autônoma, masculina, branca, têm como requisito a apropriação e a negação de outras identidades (Athanasiou; Butler, 2017, p. 44). Ora, os dispositivos de espectralização são muito mais complexos.

Se, além disso, partirmos do princípio de que o horizonte político e a finalidade prática desses atos não são outros senão a apropriação e a desapropriação de determinadas vidas, não podemos ignorar que, na prática, transformar o outro num resíduo fantasmagórico implica, por mais contraditório que nos pareça, uma reencarnação, uma sedimentação em um corpo determinado. Desta forma, o corpo feminizado foi investido de uma materialidade extrema. "cripta viva", matriz e mãe, cercada no *oikos*[9] e ligada à terra. Ligada ao seu corpo e situada no mundo, apelando à sua frágil anatomia. Tal como no mito de Pandora, a "raça das mulheres" provém desse artifício modelado a partir de barro e água: "(...) uma vez que é matéria, prolonga em si mesma a matéria, até ao infinito" (Loraux, 2017, p. 125). Não há nada de metafísico neste ser estranho, nada além da *physis*, eternamente ligada à sua natureza, agarrada como hera à caverna uterina e definida unicamente pela sua capacidade de gerar vida. Como fantasmas, os corpos-espectros da feminização, entendida esta como um laço político-social perpétuo de submissão, vêm carregados de feridas, de suor e de cansaço. São, como dizia Gloria Anzaldúa, "essa raça vencida, corpo inimigo".

Filhas sem nome, batizadas após o ritual violento do olhar masculino, quando não de uma violação, despojadas dos seus corpos, histórias e desejos, condenadas a aceitar submissamente a condição de subjetividade subsidiária, de elemento subalterno. As "assombrações" dos

[9] A palavra *oikos* tem origem no grego antigo (*οἶκος*) e significa "casa", "lar" ou "família".

discursos e epistemologias hegemônicas vêm cheias de rugas e dobras, com cabelos grisalhos e seios caídos, e arrastam os seus corpos cansados de tanta pilhagem, trabalho e injustiça. Não têm os pés graciosos do mármore em que esculpiram a inexistente Gradiva. Podemos ouvir os seus lamentos e sofrimentos por detrás das camadas e camadas de textos em que as suas vozes foram enterradas.

> Não há boca para aquela que habita a caverna
> Não há voz para aquela que sussurra do entre
> Logotectônica / arquitetura de uma violação
> Ressoa na abóbada do silêncio

Ressignificar essa fantologia no sentido derridiano, essa forma sinistra e perturbadora de habitar que os espectros têm, poderia servir-nos para pensar em outras ontologias políticas possíveis. Se o feminino e outros corpos subalternos foram submetidos a processos extremos de desmaterialização, mas, paradoxalmente, viram-se presos à materialidade da carne e das entranhas, devemos igualmente lutar e defender um materialismo espectral, que não só nos permita visibilizar, denunciar e combater estes sistemas de violência, mas também recuperar outros modos de pensamento, abrindo assim outras cartografias possíveis.

Ao retomar o termo "materialismo", faço referência a várias tradições. Evidentemente, nele ressoa a clássica metodologia marxista que nos serve precisamente para investigar e colocar em evidência as condições reais, histórico-políticas e econômicas, bem como a trama de conhecimentos e discursos que tornaram possíveis determinados dispositivos de poder. Por outro lado, recupero aqui também a genealogia de determinadas tradições feministas cuja análise do conceito de matéria é fundamental para compreender e abordar as diversas formas de acumulação e desapropriação que se verificam nas nossas cartografias contemporâneas, marcadas pelo desenvolvimento acelerado do necrocapitalismo. Tal é o caso, por exemplo, de Butler, que propõe uma retomada do conceito de matéria e à análise aprofundada dos processos de materialização. Para Butler, o sistema sexo-gênero surge como uma espécie de sedimentação, de camadas de citações, reiterações, discursos e normas que vão se materializando em nossa carne. Neste caso, o conceito de matéria é entendido como um processo histórico e temporal que procura conferir uma unidade fictícia a uma identidade de gênero.

No seu livro *Cuerpos que importan* (2002), Butler retoma o conceito de matéria em um claro sentido político. Não há na proposta uma dicotomia entre o discursivo e o material, mas sim, ambas as esferas fazem parte dos mesmos processos de construção de identidades inteligíveis, indispensáveis para o funcionamento disciplinar do sistema sexo-gênero. E é precisamente nessa encarnação do discurso, no momento em que aceitamos a citação e a norma, que adquirimos um sentido no tecido social:

> Falar dos corpos que importam (*bodies that matter*) nestes contextos clássicos não é um jogo de palavras, porque ser material significa materializar, se for entendido

> que o princípio dessa materialização é precisamente o que "importa" (*matters*) desse corpo, a sua própria inteligibilidade. Neste sentido, conhecer o significado de algo é saber como e por que esse algo importa, se considerarmos que "importar" (*to matter*) significa ao mesmo tempo "materializar" e "significar" (Butler, 2002, p. 60).

Um corpo inteligível, reconhecível, materializado como compreensível é, desta forma, uma espécie de corpus: não apenas no sentido literal de corpo, do carnal, da pele e das suas marcas como o que temos de mais material, mas também no sentido pleno de conjunto de citações, textos e discursos. Somos essa espécie de sedimentação discursiva e textual que vai dando forma e estilizando o nosso próprio corpo e que nos torna inteligíveis ao olhar do outro; uma espécie de suporte de inteligibilidade que nos torna visíveis no campo social. Da mesma forma, quando a citação funciona mal, quando é lida e interpretada como errada, o nosso corpo pode ser expulso, ofendido, rejeitado ou patologizado, desmaterializado e lançado no abismo do não reconhecível.

Outra autora que nos dá algumas pistas para pensar este regresso ao material é Rosi Braidotti, que propõe diretamente um empirismo carnal. O seu chamado "neomaterialismo" fala a respeito de um "materialismo vital", permitindo-nos analisar o cruzamento entre o corpo, a carne, os desejos e a dimensão afetiva. "Pensamos com todo o corpo", afirma Braidotti (2022, p. 132), entendendo por corpo não um conjunto de dados meramente biológicos ou uma mera construção social, mas também um local de cruzamento, complexo, múltiplo, no qual se entrelaçam diversas realidades, discursos, desejos e afetos. Para Braidotti (2022, p. 131), antes de mais nada, somos um lugar ontológico em devir.

Por fim, e na linha de Braidotti, retomamos o conceito de materialismo afetivo proposto pelo antropólogo Viveiros de Castro, que introduz, além disso, a ideia do perspectivismo em um universo múltiplo, no qual a horizontalidade ontológica torna possível o surgimento de diversos pontos de vista "(...)entre as diferentes formas e agências que povoam o cosmos" (Viveiros de Castro, 2004, p. 26). Assim, ao falarmos de um materialismo espectral, estamos, por um lado, a analisar as condições materiais, discursivas, simbólicas e políticas que deram origem aos processos violentos de espectralização de determinadas subjetividades; por outro, admitimos com isso, que tais realidades, por mais desrealizadas que se encontrem nos marcos de reconhecimento, têm por trás corpos, vidas, afetos e desejos múltiplos que se encarregam precisamente de lubrificar as engrenagens do próprio sistema.

O próprio Derrida insiste nesta dependência necessária do espectral em relação ao corporal, pois, em última análise, todo fantasma pressupõe o regresso de um corpo, de um resquício que resiste em desaparecer. Há uma certa teimosia e obstinação política em todo o gesto de teor fantasmagórico:

> Não há fantasma, nunca há um devir-espectro do espírito sem, pelo menos, uma aparência de carne, em um espaço de visibilidade invisível, como desaparecer de

> uma aparição. Para que haja fantasma, é necessário um regresso ao corpo, mas a um corpo mais abstrato do que nunca (Derrida, 1998, p. 144).

Um materialismo espectral incorpora na sua perspectiva ontológica, epistêmica e filosófica o próprio espectral, ou seja, esse modo de perdurar da ausência que assedia toda a presença. Tal como Derrida definiu a sua famosa fantologia, trata-se de pensar em uma outra ontologia onde o tempo e os espaços se encontram disjuntos, quebrados, desencaixados. Trata-se, igualmente, de incorporar uma forma de pensar e habitar a teoria que incorpore essa memória do ausente, do inapreensível, do não redutível à abstração do conceito. Daquilo que está sempre em retirada, em retrocesso, sem a pulsão da presença e de conquista da espacialidade que caracteriza todo o pensamento hegemônico.

Muito pelo contrário, a fantologia é composta de vaivéns, de movimentos hesitantes, oscilações e balanços dessas sombras espectrais que nunca se deixam capturar. Não podemos apreender um suspiro, um murmúrio fantasmagórico. Uma vez que nem tudo é tematizável, compreensível, nem tudo pode ser submetido às categorias do entendimento. Um materialismo espectral assume por si mesmo essa possibilidade do não-pensamento, assume a dúvida, a vacilação perante o não cognoscível. E assume também a importunação da memória de um arquivo espectral constituído por tudo aquilo que foi reprimido e obliterado pelo próprio sistema. Arquivo de dores, afetos e silêncios. De lutos, feridas e medos. Arquivo de queixas, como são sempre as reclamações das mortas:

> A Filosofia com maiúscula não acredita nos espectros. Espectros que surgem reaparecendo, espectros que são reaparecidos, carregando em si o selo da repetição e do retorno. Falar de espectralidade é falar de iterabilidade e de um re-aparecimento que está sempre em retirada, que se retrai perante qualquer tentativa de metaforização ou conceitualização, que resiste a qualquer tentativa de fazer uma ciência do espectral, uma fenomenologia do espectro que seguisse as suas pegadas até uma suposta origem. O espectro resiste e permanece por estar em retirada, por não se encontrar completamente presente, por não ser redutível ao ôntico, ao que é nem ao que é, a nenhuma essencialidade subsistente. (Derrida, 1997, p. 49).

E há tantas mortas e espectros que nos assediam, tantas sombras que resistem ao esquecimento. Para muitas, a feminilidade não tem sido mais do que um enorme sarcófago no qual as suas vidas se asfixiaram. É preciso aprender a viver com os fantasmas, dizia Derrida, e nesse gesto, de memória, de outra genealogia, de hospitalidade incomensurável, ele via a abertura para o futuro da justiça.

Lembranças: uma tradição de pegadas habitadas

> "O silêncio é o seu castigo. O seu desaparecimento é o seu castigo. A sua expulsão da memória coletiva é o seu castigo."
>
> **Cristina Rivera Garza**

A escritora mexicana Cristina Rivera Garza retoma um belíssimo conceito de José Revueltas e discorre sobre pegadas habitadas. Essa expressão poética esconde, no entanto, o relato de um esquecimento, a violência de uma memória histórica seletiva, o que leva a autora a empreender a sua própria genealogia em *Autobiografia do Algodão*. Rivera Garza questiona-se repetidamente sobre estas marcas, tanto pessoais como políticas: as pessoas pobres deixam marcas? Que marcas produz um corpo quase sem identidade? Camponeses migrantes, indígenas expulsos, mulheres anônimas que cuidam de filhos ao longo de tantas gerações, mão-de-obra sem nome nem rosto cujas vidas são um êxodo contínuo, um ir e vir em busca de abrigo e trabalho entre diversas fronteiras. Essa ferida colonial, racial e patriarcal que nos atravessa a tantas. Que tipo de rastros, tão fugazes quanto evasivos, deixam os fantasmas com o seu passo imperceptível? Devemos aguçar o olhar, esfregar os olhos e tatear a história para desvendar essas pequenas marcas e impressões que as vidas surgidas da espoliação deixam nos sulcos onde lavram a terra, nas casas que limpam, nos quilômetros que percorrem para ir trabalhar. Não há nada nos textos e conceitos da alta cultura, aquela gestada em determinadas academias, que contenha um vestígio de pó, um grão onde se vislumbrem essas formas de subsistência.

Se é preciso aprender a conviver com os fantasmas, teremos de o fazer tanto com os vivos como com os mortos. Teremos de inventar novas formas de habitar os mundos da invisibilização, bem como novas maneiras de teorizar e pensar em torno das ontologias da dessubstancialização. Um materialismo espectral como o que descrevemos assume a heterogeneidade e a diversidade da memória, tanto a individual como a coletiva, da pessoal e política, da filosófica e teórica. Devemos incorporar todas essas formas de virtualização, outras genealogias, procurar palavras e conceitos que habitem os espectros daquelas e daqueles que já não estão e com os quais possamos denunciar a violência de tanta indiferença, de tanta arrogância epistêmica.

Vêm-me à mente, como exemplos, aqueles conceitos carregados e suados dos quais nos fala Sara Ahmed (2018), textos-mundos que trazem consigo ecos e ressonâncias do passado, como o cheiro de um corpo desgastado. Sem qualquer assepsia, sem distância entre o pensamento e a vida que está por trás. Textos sempre contaminados por memórias subterrâneas, traumatizadas ou virais, como as define Pilar Calveiro (2006, p. 133). Memórias resistentes, contraditórias e heterogêneas, que regressam uma e outra vez para nos levar a questionar o nosso presente. A esta teoria contaminada, suja de suor e matéria, Ahmed chama "fenomenologia prática". Uma espécie de feminismo excrementício, como o define val flores (2021), uma vez que são textos que vasculham os resíduos da teoria, na merda que toda a metafísica higienizada despreza.

Nós, por outro lado, fazemos alquimia com os excrementos da luz, com as lágrimas das mortas, com os risos das fugitivas, com as bastardas que rompem com toda a filiação filosófico-política: nos resíduos de cada disciplina, de cada prática, de cada gênero, ressoa uma fertilidade insuspeita para a experiência teórica, para o prazer de perturbar uma ordem de subjetividade modulada pelas disciplinas do corpo e pelos discursos normativos, para traçar linhas de deslocamento e de fuga do já constituído (flores, 2021, p. 56).

Nestas formas fugitivas, vejo a potencialidade dessas pegadas habitadas que formam os conceitos sujos, pegajosos e manchados de um materialismo espectral. Escritos responsivos, que respondem às outras, que se ligam à sua reivindicação, que questionam a surdez e a cegueira endêmicas de um sistema filosófico que não fez mais do que gerar alteridades especulares à imagem e semelhança da sua própria identidade, do seu desejo narcisista, Gradivas mudas, destinadas às masturbações noturnas de tantos neuróticos. Memórias teórico-políticas que são uma espécie de re-memória, uma trama heterogênea de vozes e membros, de corpos desmembrados e partidos pelas diferentes formas de opressão, de peles despojadas, de identidades fragmentadas, habitadas por fronteiras e nunca reunificadas em um Universal[10]. A re-memória está povoada de pegadas habitadas, de estranheza, de temporalidades diversas e espectrais, de rostos inapropriáveis. Materialismo das desmaterializadas, carregado de formas, feridas, afetos, recordações e novos nomes.

Referências

AHMED, Sara. **Vivir una vida feminista**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2018.

ATHANASIOU, A. A.; BUTLER, J. **Desposesión. Lo performativo en lo político**. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2017.

BRAIDOTTI, R. **Feminismo posthumano**, Barcelona, Gedisa, 2022.

BUTLER, J. **Cuerpos que importan**. Barcelona, Paidós, 2002.

CALVEIRO, P. **Usos políticos de la memoria**. Buenos Aires, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo**. Madrid: Editorial Trotta, 1997.

DERRIDA, J. **Espectros de Marx**. Madrid: Editorial Trotta, 1998.

[10]Poderíamos interpretar os processos de fragmentação, separação, exílio ou desarticulação de corpos, vidas, subjetividades e territórios seguindo esse mesmo fio condutor que os atravessa na história sinistra do capitalismo. O logos civilizatório impôs-se com base na quebra e na ruptura de modos de vida, costumes e outros mundos. Literalmente, o necrocapitalismo funcionou e funciona com base no desmembramento, no corte de extremidades, na mutilação de corpos, na amputação de vidas e na destruição de matérias-primas. Pensemos, por exemplo, na prática atroz de desmembrar corpos, amarrando as suas extremidades a cavalos, implantada nos territórios colonizados da América. Prática à qual foram submetidos muitos heróis e heroínas dos processos de independência. Foi o caso de Bartolina Sisa e do seu marido Túpak Katari na Bolívia, ou de Micaela Bastidas e Túpac Amaru II no Peru. Atualmente, os corpos contemporâneos resultantes destes desmembramentos estão fragmentados pela migração, pelo ecocídio, pelas fronteiras e pelas suas violentas divisões do mundo.

FLORES, v. **Romper el corazón del mundo. Modos fugitivos de hacer teoria**. Madrid, Continta Me Tienes, 2021.

FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

COX, N.; FEDERICI, S. **El patriarcado del salario. Críticas feministas al marxismo**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.

IRIGARAY, L. **Speculum of the Other Woman**. Ithaca: Cornell University Press, 1974.

LORAUX, N. **Los hijos de Atenea**. Barcelona: Acantilado, 2017.

MALABOU, C. **Changer de différence, le féminin et la question philosophique**. Paris: Galilée, 2009.

NIETZSCHE, F. **Jenseits von Gut und Böse: Vorspiel einer Philosophie der Zukunft**. Leipzig: Druck und Verlag von C. G. Naumann, 1886

VIVEIROS DE CASTRO, E. **La selva de cristal. Notas sobre la ontología de los espíritus Amazónicos**. EVC / QUÉBEC MAY 2004 /DRAFT (CHICAGO VERSION), 2004.

Recebido em 1 jul. 2026. Aprovado em 1 ago. 2026.